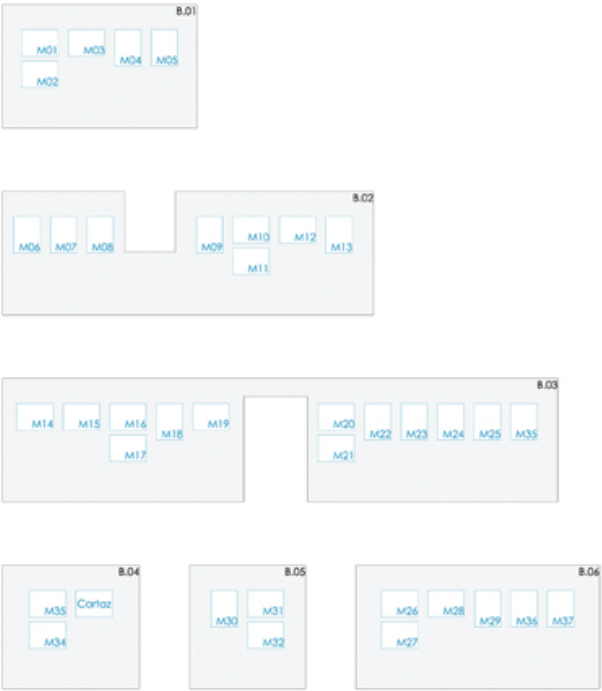
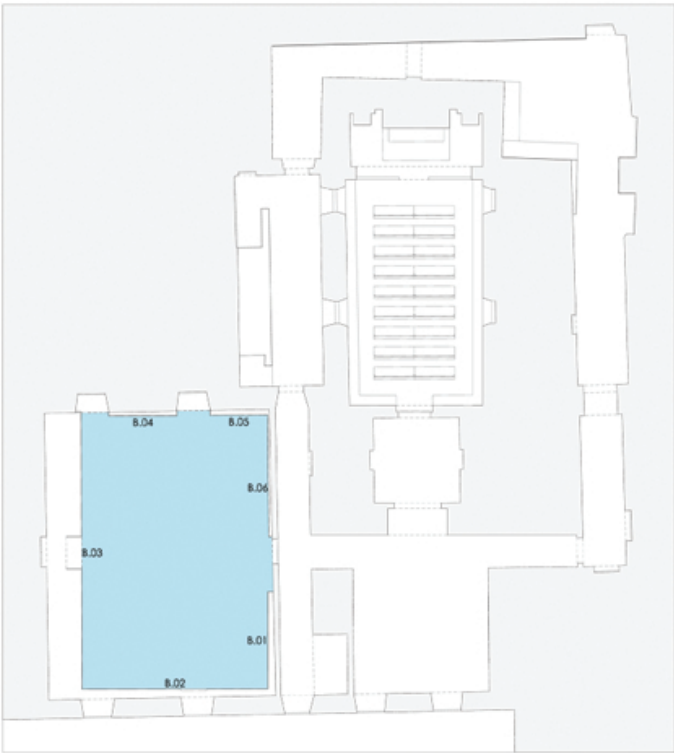


Álvaro Siza. Mundo Perfeito

fotografias de Fernando Guerra

exposição > dARQ - Sala TAPE [15.09.08 | 10.10.08]



M01 Faculdade de Arquitectura, Porto M02 Faculdade de Arquitectura, Porto M03 Piscina de Marés, Leça da Palmeira M04 Escola Superior de Educação, Setúbal M05 Escola Superior de Educação, Setúbal M06 Biblioteca do Campus Universitário, Aveiro M07 Pavilhão de Portugal, Lisboa M08 Museu de Serralves, Porto M09 Museu de Serralves, Porto M10 Pavilhão Centro, Coimbra M11 Pavilhão Centro, Coimbra M12 Casa Amanda Passos, Porto M13 Casa Amanda Passos, Porto M14 Centro de Estudos Camilianos, Góida M15 Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira M16 Adega Mayor, Campo Maior M17 Adega Mayor, Campo Maior M18 Complexo Desportivo, Gondomar M19 Complexo Desportivo, Gondomar M20 Biblioteca Municipal, Viana do Castelo M21 Biblioteca Municipal, Viana do Castelo M22 Biblioteca Municipal, Viana do Castelo M23 Biblioteca Municipal, Viana do Castelo M24 Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela M25 Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela M26 Equipamento Desportivo Ribera-Serral, Barcelona M27 Equipamento Desportivo Ribera-Serral, Barcelona M28 Equipamento Desportivo Ribera-Serral, Barcelona M29 Equipamento Desportivo Ribera-Serral, Barcelona M30 Faculdade de Jornalismo, Santiago de Compostela M31 Faculdade de Jornalismo, Santiago de Compostela M32 Faculdade de Jornalismo, Santiago de Compostela M33 "Álvaro Siza Hall", Anyang M34 "Álvaro Siza Hall", Anyang M35 "Álvaro Siza Hall", Anyang M36 Faculdade de Ciências da Educação, Lérda M37 Faculdade de Ciências da Educação, Lérda

Não acredito na objectividade da fotografia. Por mais que muitos tentem apagar as contingências subjectivas da vida quotidiana que contaminam os espaços puros que os arquitectos desenham, uma imagem de um qualquer objecto arquitectónico, ou simplesmente de um objecto, é sempre a imposição de um ponto de vista. De quem fotografa, de quem escolhe o enquadramento, a luz, o tempo de exposição, o tipo de lente, a máquina. É um olhar que implica uma escolha, ou infinitas escolhas, e é por definição (definitivamente?) subjectivo.

Não acredito no mito do fotógrafo de arquitectura contemplador que acha possível escolher *a priori* um único olhar sintético que conjugue tudo o que uma obra de arquitectura encerra. A arquitectura depende de inúmeras variáveis, nunca é totalmente apreensível, é infinitamente interpretável. A percepção da arquitectura deriva da conjugação de múltiplos pontos de vista, da reconstituição mental de inúmeros espaços.

O olhar de Fernando Guerra é um olhar de arquitecto. Para compreender o espaço, os arquitectos, eventualmente com uma intencionalidade mais consciente que os simples utilizadores, circulam pelos edifícios. Captam a espacialidade da arquitectura deambulando, perscrutando, fazendo associações de ideias, de formas, de dimensões. É através desse movimento que descobrem as infinitas variáveis do espaço arquitectónico, as singularidades que fazem distinguir um espaço signficante da miríade de construções insignificantes que invadem o nosso campo visual. E fazem-no cruzando aquilo que vêm com as memórias de outros edifícios que transportam consigo, muitas vezes adquiridas através da observação mediada pela fotografia. A nossa cultura arquitectónica, na impossibilidade de visitar todos os edifícios do mundo, é maioritariamente construída através do olhar de outros.

Através da generosidade de nos oferecer múltiplos pontos de vista de um edifício, as reportagens fotográficas de Fernando Guerra aproximam-se da vivência real do espaço, ao permitir que reconstituamos um lugar através da soma de todas imagens. Nesse sentido, aproximam-se também da linguagem cinematográfica, não só pela implícita ideia de movimento que as imagens transmitem mas também pelo sentido narrativo que lhes imprime o fotógrafo. E daí a necessidade, quase obsessiva, de incluir personagens nos seus enquadramentos. Por vezes personagens anónimas, outras vezes os arquitectos, muitas vezes o próprio fotógrafo. Certamente não por qualquer vontade de auto-representação, mas pela necessidade de dar sentido e escala a um determinado espaço que na ausência de uma figura humana se tornaria incompreensivelmente abstracto. Há uma vontade de que cada imagem encerre um fragmento de vida, uma história pessoal, mas onde os personagens são suficientemente indefinidos, vultos quase, para deixar o observador imaginar o quadro que entender. Como em Julius Schulman, as imagens de Fernando Guerra procuram, para além de representar a arquitectura, captar um sentido de lugar, uma atmosfera que define a época contemporânea. Mas o que em Schulman era intencionalmente encenado, com um sentido narrativo por vezes demasiado literal, em Guerra é intencionalmente difuso, permitindo imaginar todas as histórias que aí terão lugar. Da exposição "Mundo Perfeito", que esteve originalmente patente na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, apenas uma selecção das imagens respeitantes à obra de Álvaro Siza se mostra agora no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. A escolha do título da exposição, para além da ironia implícita, encerra uma certa radicalidade. A perfeição implica um estado limite, sem evolução possível. Quando se atinge a perfeição nada mais há a fazer senão contemplar o belo. Mas ao mesmo tempo, a busca da perfeição pode ser um acto generoso. Quando se tem por objectivo encontrar as melhores imagens para representar a essência e o conceito de um edifício, está-se a responder aos desejos daqueles que o projectaram. Tal como os arquitectos reconstroem um mundo particular em cada projecto, procurando dar um sentido de unicidade a partir das variáveis com que se confrontam - do cliente ao lugar, da geografia ao orçamento, das contingências materiais às limitações estruturais - as fotografias de Fernando Guerra devolvem à arquitectura essa procura da perfeição possível, "intensificando a realidade retratada", reconfigurando o mundo que a rodeia.

RECONFIGURAR O MUNDO

Luís Urbano